



DUARTE COELHO

Sua vida e seu legado

*Claudio Ricardo Hehl Forjaz**

RESUMO

Ensaio sobre a vida e obra do Donatário da Capitania Hereditária de Nova Lusitânia, berço da nacionalidade brasileira, de nosso Exército e do primeiro ciclo econômico do Brasil.

PALAVRAS-CHAVES

Duarte Coelho, colonização portuguesa, Pernambuco

A História é a mestra da vida, senhora dos tempos, luz da verdade.
Cícero

SUA VIDA

O personagem central deste ensaio foi predestinado a participar dos principais acontecimentos de sua época¹. No Brasil, sua importância não ficou limitada ao desenvolvimento da *Capitania Hereditária da Nova Lusitânia*. Ele fundaria povoados, implantaria e fomentaria a indústria canavieira, e seria um dos principais responsáveis pela

formação da nacionalidade brasileira e pelos primórdios da formação das nossas Forças Armadas.

Malheiro Dias, renomado historiador, sintetizou seu legado em duas frases: um verdadeiro *construtor de nações* e um *fundador de dinastias*.

Duarte Coelho Pereira nasceu e cresceu numa época em que Portugal vivenciava o frenesi da descoberta de um caminho alternativo para o Oriente.

* Major de Engenharia.

¹ Duarte Coelho, como é mais conhecido, testemunhou as maiores façanhas navais lusitanas: a frota de Vasco da Gama e a de Pedro Álvares Cabral que descobriram o caminho para as Índias e o Brasil, respectivamente. Na Ásia, na África e Europa se notabilizou como combatente, como diplomata e como Capitão-mor do mar. Na América se eternizaria como o donatário mais bem-sucedido dos primeiros que aqui se instalaram. (N. A.).

Vindo ao mundo em fins do século XV², no pacato lugarejo de Miragaia, Norte de Portugal, pertencia a uma das mais gloriosas gerações lusitanas. Descendente de família da nobreza agrária, era filho de Gonçalo Coelho, um dos mais competentes navegadores do Reino Português, e de Joana de Bulhões, compilações consanguíneas com a casa dos Sanchos e dos Albuquerque.

Duarte cresceu sob a proteção de uma tia prioresca sob cujos cuidados niciou sua educação, no Mosteiro de Vila Nova. Ali, cresceu ouvindo histórias de epopéias, conquistas e glórias de um povo que, sin-grava o mar desconhecido atrás de aventuras e da rota alternativa para as índias.

Ainda adolescente, começou a participar de excursões pelo litoral português, mesmo antes de cursar a Escola de Sagres.

A última década do século XV estava terminando e no Reino todos confiavam que a descoberta de uma rota para Oriente, contornando o continente africano, era questão de tempo. A certeza veio com a notícia de que Bartolomeu Dias o seus companheiros haviam ultrapassado o temido Cabo das Tormentas, rebatizado Cabo da Boa Esperança, acidente geográfico ao Sul do continente africano divisor dos oceanos Atlântico e Índico.

Por seu mérito pessoal, aliado à presença de familiares e amigos na armada lusa, Duarte Coelho conseguiu embarcar na, frota que se propunha alcançar as Índias, beirando a África³ – muito provavelmente, na caravela *Bérrio*, comandada

por Nicolau Coelho, parente seu. A participação nessa expedição haveria de marcar, de modo definitivo, sua vida. Aí começaria uma nova fase na sua existência e que o cobriria de louros e prestígio.

Precedida de grandiosa cerimônia, a armada de Vasco da Gama levantou âncoras, do Rasteio, a 8 de julho de 1497. Eram quatro embarcações (duas naus, uma caravela e um barco de suprimentos), tripulada por cerca de 160 homens. Bordenando o litoral africano, atravessaram o Cabo da Boa Esperança, no início de dezembro. Em março já fundearam em Moçambique e, em abril, atingiram Melinda, onde conseguiram um guia árabe.

A 18 de maio de 1498, Vasco da Gama e seus companheiros avistaram Calicute, na Índia. Depois de longas conversações, os argonautas, como os chama Camões, abarrotaram seus porões com ricas cargas e aproaram para Portugal.

A viagem de regresso foi dramática, sucumbindo metade dos cargueiros e significativa parcela da tripulação. Mas Duarte Coelho sobreviveu para ver seus patrícios comemorarem a concretização do grande sonho português.

Para o entusiasmo do grumete, ser testemunha ocular dos acontecimentos que estavam revolucionando o mundo era algo inimaginável. Por essa razão, apresentou-se como voluntário para acompanhar a próxima expedição transoceânica com destino à Ásia.

Com sua antiga tripulação, sob comando de Nicolau Coelho, e algumas cen-

² Alguns livros apontam para o ano de 1480, enquanto outros afirmam 1485. Devido às atividades em que participaria, julgo ser mais acertado a primeira das datas. (N.A.).

³ (DIVERSOS. *Enciclopédia Didática de informação e Pesquisa Educacional*, pg 945).

tenas de novos compatriotas, embarcou numa das naves que compunham a frota que partiu do Tejo em direção ao Oriente. No comando da armada estava Pedro Álvares Cabral, um nobre luso com uma secreta missão: navegar bem para oeste, a fim de topar com terras que por ventura existissem dentro dos limites ditados pelo Tratado de Tordesilhas.

No dia 22 de abril de 1500, Duarte Coelho compartilhou da emoção de todos os participantes da expedição cabralina, ao ver a beleza exótica do que os registros apontavam como Ilha de Vera Cruz. De lá a frota aprou para as Índias, retornando à Lisboa, ano seguinte

Apesar do *achamento de terras no poente*, a viagem teve um saldo dramático. Praticamente metade da frota foi perdida. Inúmeros marinheiros experientes pereceram, por doença ou por naufrágio. Os lendários Bartolomeu Dias e Pero Vaz de Caminha estavam entre os que não retornaram a Portugal. Felizmente a boa estrela acompanhou nosso biografado e ele foi um dos predestinados a rever a Torre de Belém.

Sua viagem seguinte foi acompanhando o pai e Américo Vespúcio, em exploração da costa da Vera Cruz. Foi aí que teve a oportunidade de conhecer mais a fundo a farta variedade da fauna e da flora tropicais. Seu sonho passou a ser o de um dia fixar-se definitivamente naquele lugar paradisíaco. Todavia, seriam necessárias mais de três décadas para que esse sonho se tornasse uma realidade.

Depois dessa expedição e, praticamente, até o final do reinado de Dom Manuel, as costas da terra luso-americana ficariam desguardadas, sendo alvo de aventureiros e contrabandistas, que cada vez mais aumentavam aí sua presença, atrás de pau-brasil e animais exóticos, ambos com boa procura na Europa⁴. Somente a partir de 1530 é que a coroa lusitana tomaria uma posição mais efetiva quanto ao Brasil.

Nesse interim, Duarte Coelho serviria a seu país em três continentes. Eclético, desempenharia funções que iam desde a de militar até as de comerciante e diplomata.

De 1509 a 1527, período que coincidiu com a era do ouro do incipiente Império Ultramarino Português, os lusitanos praticamente dominaram o Atlântico Sul, o Índico e o Pacífico, tornando suas regiões costeiras um grande entreposto comercial luso.

Em março de 1508, foi ele um dos 1.600 homens que, sob comando do Capitão-mor Dom Fernando Coutinho, deixou o Reino rumo a Ásia, a fim de nela impor os interesses de Lisboa.

A 3 de fevereiro de 1509, o jovem marinheiro participou da batalha de Diu. Seu batismo de fogo culminou na vitória de seus compatriotas, consolidando a hegemonia portuguesa do Índico, marcando o apogeu do governo de Francisco de Almeida como Vice-rei das Índias, e o fim da aventura veneziana naquelas águas.

As pelepas de Duarte Coelho entretanto estavam apenas começando. O novo vice-rei, Dom Afonso de Albuquerque,

⁴ A França era vizinha da Região de Flandres, então principal centro têxtil da Europa e, por conseguinte, maior consumidora de substâncias para tintura de tecidos. Com um litoral desguarnecido e rico em madeira de tinturaria, o pau-brasil, além de relativamente próximas, as terras luso-americanas se tornaram cada vez mais atrativas aos contrabandistas gálicos. (N. A.).

logo reorganizou suas forças e deu início à expansão geográfica lusitana nas Índias. Em muitas das expedições então organizadas, ele combateria.

A primeira foi a de Calicute, onde os portugueses não lograram êxito⁵. Tal derrota porém não lhe arrefeceu o ânimo. Logo ele participaria da investida contra uma estratégica porção insular, Goa, em princípios de março de 1510 e, após a vitória aí conquistada, muitos senhores asiáticos viriam render homenagem ao vice-rei. A ilha se tornaria sede do governo lusitano no Oriente onde, até hoje, existem marcas da presença portuguesa. Pela bravura revelada nas empreitadas de que tomou parte, Duarte foi saudado pelo próprio Dom Afonso e, por seus feitos, recebeu o comando de uma belonave.

Sua aventura seguinte foi a conquista de Málaca, estratégico porto do leste, porta da Insulíndia e chave do comércio com os povos do Pacífico. Dessa feita, o *Comandante* Duarte Coelho combateria à frente de sua caravela, coadjuvando um dos maiores feitos da história lusitana.

Ele, mais cerca de 800 compatriotas e 200 malabares aliados, todos sob o comando do lendário vice-rei, participaram da difícil conquista, derrotando um exército de aproximadamente 20 mil homens, reforça por artilharia e manadas de elefante. Quando a cidade caiu (agosto de 1511), os vitoriosos se assenhoraram não só da praça-forte inimiga e seu riquíssimo espólio, mas de todo comércio do Extremo

Oriente. Sua alfândega seria uma das mais lucrativas ao trono, pois dali saíam as especiarias que abasteceriam a Europa pelos próximos cinquenta anos.

Após essa campanha, ali Duarte Coelho permaneceu. Recebera a missão de defender as rotas de especiarias recém incorporadas ao Império Ultramarino. Sabidamente, aproximou-se ele de um intérprete e procurou manter contato amistoso com os habitantes locais, atento aos seus anseios e problemas. Entre uma saída e outra no cumprimento da missão recebida, ia ampliando seus conhecimentos sobre a população e a cultura do distante continente. Percebeu de pronto a importância de tratar com humanidade o nativo e dar liberdade aos compatriotas para, concomitantemente ao desempenho de seus encargos, comercializar e prosperar — ele mesmo negociando especiarias. No futuro, essas medidas práticas e inteligentes mostrar-se-iam apropriadas para uso em outras funções que desempenharia.

Astuto, percebeu que o grande interesse dos povos malaios era o comércio, independente de com quem negociassem, e que seu maior inimigo eram os piratas que infestavam a área. Ele pelejou contra vários corsários, inclusive os terríveis *chins*, logrando afundar e capturar mais de duas dezenas de barcos adversários, dos mais diferentes tipos. Dessa forma, foi angariando a simpatia dos orientais a par do respeito de seus superiores. E logo seu nome seria cogitado para novas tarefas.

⁵ Esta luta o marcaria profundamente pois, mesmo tendo vencido a esquadra adversária, os lusitanos perderam a peleja em terra quando, já tendo ocupado o Palácio de Calicute, os soldados se desviaram da tarefa de reduzir os remanescentes para se ocuparem no saque do tesouro do semorim. Um contra-ataque levado a cabo pelos indianos, apoiados pelos muçulmanos, além de reocuparem o local, dizimaram os atacantes. Na luta pereceu Dom Fernando Coutinho. Duarte Coelho foi um dos poucos sobreviventes daquele desastre. (BUENO, Eduardo. *Capitães do Brasil*, pg 192).

Livre dos piratas asiáticos, o Governo-Geral das Índias enviou seus colaboradores mais destacados aos reinos vizinhos em missões diplomáticas. O bom relacionamento com os nativos, a habilidade diplomática e a lealdade credenciaram Duarte Coelho para estar entre eles, e logo sua missão abrangeria também o Sião, de cujo soberano obteve permissão para comercializar pacificamente.

Foi numa das idas e vindas do Sião que Duarte sofreu um naufrágio, o único de sua vida. O acidente ocorreu na foz do Rio Mena, em 1516. Seu conhecimento diplomático salvou-lhe a vida, pois, além de convencer os nativos de que não era pirata, conseguiu salvar seus companheiros e até participar de uma expedição à China, por terra, episódio que o colocou nos anais da História como um dos primeiros ocidentais a visitar essa nação depois de Marco Polo⁶.

Por seu desempenho no Sião e na China, e por sua experiência em navegar nas águas adjacentes, o Governador-Geral das Índias, Jorge de Albuquerque, o enviou para descobrir rotas mais favoráveis para a Conchinchina em ordem que data de 1523.

Duarte participou da primeira expedição européia ao atual Vietnã, aportando na Ilha de Pulo Champalo, atual Cú-lao Cham, onde lançou um marco. Em outra jornada, fez parte de um dos primeiros grupos europeus a abrirem as portas da

China ao Ocidente. Em Kuang-chou, seus companheiros desfrutaram de boa acolhida e aprofundaram seus conhecimentos sobre o modo de vida daquela cultura milenar. Fruto dessa e de outras viagens de portugueses à China, seu imperador permitiu a Portugal explorar Macau, dentre outros lugares, permissão que vigorou até 1999.

Suas ações, como militar e diplomata, coroaram-lhe a estada na Ásia de forma invejável. Sua vivência universalista lapidar-lhe-ia de tal forma o caráter, que os acontecimentos vindouros logo se apresentariam como os ideais para que cumprisse o destino que lhe estava reservado.

O processo de expansão marítima e comercial dos portugueses acendeu os interesses de muitas nações. A conquista de novas terras, a expansão imperial e o aumento do intercâmbio comercial entre os continentes logo seriam metas de Estados nacionais que se consolidavam.

Não foi porém só no campo político que a recém iniciada Revolução Comercial ia modificando seu tempo. O padrão de vida melhorou no Velho Mundo. Produtos, outrora raros, tornaram-se acessíveis à população. Lisboa passou a ser um dos principais entrepostos da Europa. Pimenta, do arquipélago malaio, tapetes persas e sedas da China, diamantes, pedras preciosas e diversas iguarias, particularmente da Índia, eram descarre-

Duarte participou da primeira expedição européia ao atual Vietnã, aportando na Ilha de Pulo Champalo, atual Cú-lao Cham, onde lançou um marco. Em outra jornada, fez parte de um dos primeiros grupos europeus a abrirem as portas da China ao Ocidente.

⁶ (ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO, Vol 5, pg. 625).

gadas na foz do Rio Tejo. Portugal manteria o monopólio desse comércio até meados do século XVI, quando outros povos, em especial os neerlandeses, o desbancariam.

Para manter a segurança e o fluxo das mercadorias do Ocidente para o Oriente e vice-versa, fazia-se mister, para os lusitanos, guarnecer suas rotas comerciais das Índias. Para tanto, experientes navegadores passaram a ser convocados pela coroa para acompanhar seus engenheiros na identificação de sítios ideais para instalação de bases navais e fortalezas.

Um dos escolhidos para essa tarefa foi Duarte Coelho. Ele se despediu de seus companheiros de anos de luta e, sem saber o que o destino lhe reservava, rumou para o Reino. Nunca mais voltaria ao Oriente.

Antes de seguir para sua próxima missão, um importante e feliz acontecimento lhe mudaria a vida. Em fins de 1528, Duarte Coelho desposou Beatriz de Albuquerque, mais conhecida como *Brites*. Ela pertencia a uma das mais tradicionais linhagens lusitanas. Era irmã de Jerônimo de Albuquerque, além de prima de Dom Afonso de Albuquerque. Na época, Beatriz trabalhava no Palácio de Évora, como dama de companhia da rainha.

Dona *Brites* teria um papel importantíssimo no futuro, quer como companheira, quer como sucessora de Duarte Coelho à frente da Capitania de Pernambuco, que a ele seria destinada.

Mal se refez das núpcias, o governo português designou-o para nova missão: a de acompanhar dois engenheiros pela costa africana. Iriam estudar os melhores sítios para a edificação de bastiões. Na

oportunidade, eles verificaram a situação das fortificações lusas existentes na África e propuseram a edificação de três baluartes em Arzila, no Marrocos.

De volta da África, a corte lhe preparara mais um encargo, desta feita concernentes aos dotes demonstrados nas Índias. Famoso por sua competência nas embaixadas do Extremo Oriente, recebeu ele a incumbência de reforçar a missão diplomática de Dom João III em Paris. Ali, problemas envolvendo confrontos entre contrabandistas gálicos e marinheiros portugueses estavam tornando críticas as relações entre Portugal e a França de Francisco I. A fim de evitar mal maior, fazia-se mister a presença de pessoas de índole moderada, mas de propósitos firmes, como o nosso biografado.

Nessa função, Duarte Coelho conheceu duas pessoas que lhe mudariam os rumos da vida no futuro: Dom Diogo de Gouveia, português Reitor da Universidade de Bordéus e principal advogado da colonização da *Terra de Santa Cruz* e Dom Antônio de Ataíde, amigo pessoal do rei luso e chefe da delegação diplomática.

Duarte trabalhou em Paris até 1530, quando novamente foi chamado a Lisboa. O trono precisava de homens capazes para missão mais complexa: defender as rotas comerciais portuguesas, contra piratas que atuavam no Atlântico Sul, melhor alternativa aventada para manutenção do controle sobre as comunicações com as ricas fontes de especiarias.

Para tanto, a coroa decidira criar as *capitanias-do-mar*. Era uma frota com a missão de patrulhar trechos pré-definidos do Atlântico, incluindo as zonas costeiras e insulares Duarte Coelho seria Capi-

tão-do-mar de duas delas, uma no litoral afro-atlântico posteriormente, outra com base nas ilhas luso-atlânticas.

Em 1531, ele foi nomeado Capitão-do-Mar da Guiné. No ano seguinte, capturou um galeão francês, enquanto patrulhava as costas da Malagueta. Sua conduta enérgica, foi motivo de elogios por parte do trono e lhe valeu a promoção para um novo e mais prestigiado comando, o da Capitania-do-mar dos Açores. Em meados de ano seguinte à frente de uma esquadra de sete embarcações, zarpou de Lisboa com destino àquele arquipélago.

Foi nessa comissão, que, em 1533, ao acompanhar a jornada de regresso de uma flotilha lusa proveniente do Brasil, encontrou um antigo companheiro de pelejas nas Índias e grande amigo do rei. Era Martim Afonso de Souza que retornava de São Vicente, onde estivera com a sua expedição colonizadora.

Em conversa com Martim Afonso, Duarte soube das intenções do monarca português em dinamizar a ocupação das terras luso-americanas. Muitos historiadores afirmam que o destino o colocara ali naquele momento, a fim de vislumbrar, finalmente, a possibilidade de se estabelecer definitivamente no Brasil.

Mais de três décadas depois de haver cruzado o Atlântico pela primeira vez e avistado o futuro país tropical, estava ele prestes a ver realizado seu sonho. A 10 de março de 1534, Dom João III assinou, a seu favor em Évora, a Carta Régia de Doação das terras localizadas entre os São Francisco o Santa Cruz (mais tarde também chamado de Igarçu). A 25 de setembro do mesmo ano, foral com a chancela do monarca luso, ratificava o contrato.

Duarte Coelho Pereira foi um dos donatários melhor aquinhoado com terras. A excelente folha de serviços, sua experiência como Capitão-do-mar e uma boa ajuda de um antigo chefe Dom Antônio de Ataíde, lhe proporcionaram receber um bom pedaço da América portuguesa. Eram sessenta léguas de litoral, aproximadamente trezentos e sessenta quilômetros, que, somadas às terras do interior totalizariam quase vinte mil léguas quadradas de território. Além de ser próximo do Velho Mundo, sua donataria dispunha de excelente clima e de um núcleo pré-colonial, a Feitoria de Santa Cruz, a qual ele daria o nome de Nova Lusitânia, mas que o tempo lhe consagraria o nome indígena: Pernambuco.

Imediatamente Duarte Coelho demitiu-se da Marinha portuguesa o começou a aprestar uma frota colonizadora, gastando de seu próprio bolso quarenta cruzados para custear mantimentos e materiais necessários à sua jornada até a América.

Logo que tudo ficou pronto, partiu. Sua experiência de vida, seu caráter, sua salutar ambição e mediano desejo do ganho seriam presságio de se tornar um verdadeiro *construtor de nação*.

Numa época em que o mundo vivia uma de suas mais significativas evoluções, graças às *Grandes Navegações* - primeiro passo para a era dos impérios coloniais, onde praticamente todas as nações europeias procuravam terra no desconhecido para explorá-las e subjugar seus nativos - Duarte Coelho optou por construir uma sociedade que fosse capaz de viver harmoniosamente com os gentios e, ao invés de espoliar a terra, tirar dela seu sustento, sua riqueza e sua prosperidade.

Seu plano colonizador era simples e exequível, descortinando boas possibilidades de êxito. Elaborado com base em experiência pessoal e, principalmente, nos ensinamentos do Infante Dom Henrique e de Dom Afonso de Albuquerque, consistia prioritariamente em fixar-se onde já houvesse boas condições de acomodar os seus pioneiros colonizadores, iniciando dali a exploração da capitania. Depois, reconhecida sua extensão, partir para a expansão territorial, fundando novos povoados, ocupando os locais mais estratégicos e expulsando os intrusos, caso houvesse. Desse lugarejos, o Capitão-mor, distribuindo sesmarias buscava consolidar seus domínios, tendo no colono seu maior aliado, quer como sócio na empreitada, quer como soldado na defesa de seu chão. Por fim, a colonização se consolidaria com a produção, base para a riqueza econômica da região, sua prosperidade sócio-cultural e a formação de sociedade duartina. Malgrado as inúmeras dificuldades que enfrentou, o futuro lhe reservaria um lugar de destaque, principalmente pela forma e o valor com que conseguiu pôr em execução esse programa a das conseqüências resultantes para toda a colônia luso-americana.

A 9 de março de 1535, Duarte Coelho aportou no Brasil perto da feitoria de Santa Cruz, em lugar que ficou conhecido como região dos Marcos, pois ali ele

*A 9 de março de 1535,
Duarte Coelho aportou no
Brasil perto da feitoria
de Santa Cruz, em lugar que
ficou conhecido como
região dos Marcos, pois ali
ele fincou seu mastro
de identificação.*

fincou seu mastro de identificação. Na numerosa comitiva que aí desembarcou de duas caravelas vinham sua esposa, Dona Beatriz de Albuquerque; Vasco Fernandes de Lucena, feitor e almoxarife, futuro herói dos embates em Olinda; Padre Pedro Figueroa, vigário da futura paróquia; parentes, amigos e agregados. Em outubro, vindo do Reino, aportou Jerônimo de Albuquerque, seu cunhado e, posteriormente, seu braço direito na obra colonizadora. Eram todos colonos selecionados que contribuiriam sobremaneira para a conquista, defesa o arroteamento da nova terra⁷.

Inteligentemente, Duarte Coelho fixou-se próximo à Feitoria Real de Santa Cruz, onde já contaria com a infra-estrutura ali existente: casas, armazéns e um fortim, bem como com a amizade dos índios habitantes das vizinhanças. Tão logo elegeram o local para levantar suas moradas, os colonos principiaram a rasgar o solo com plantações de subsistência. O primeiro passo de seu plano colonizador tinha sido dado.

Os problemas porém começaram a surgir antes do esperado. Desta feita, as complicações partiram de alguns ameríndios. Não aceitando a presença de mais portugueses na região, atacaram o povoado, o que gerou conflito.

Depois de algumas refregas, os reinóis conseguiram derrotar os bugres hostis em

⁷ Estes pioneiros tinham a intenção de aqui se fixarem independente das agruras e riscos do desconhecido. Juntos construiriam uma capitania progressista transformando-a na mais importante região brasileira ainda naquela centúria. Auxiliou-os, nesse intento a liberdade com que o donatário concedeu isenções de direito sobre equipamentos e outros materiais encomendados na metrópole e a aliança com os gentios. (N. A.)

combate ocorrido a 27 de setembro de 1538, expulsando-os das cercanias do vilarejo. Em ações de graças por esse episódio, o donatário ergueu uma igreja, a de São Cosme e São Damião, santos consagrados nessa data a que passaram a ser padroeiros da localidade.

Vencido o primeiro obstáculo de vulto, Duarte Coelho resolveu sondar outras terras, em busca de lugar mais propício para se instalar, assim como desalojar contrabandistas e piratas estrangeiros.

Enquanto partia em expedições, deixava sua esposa e alguns pioneiros com o encargo de *fazerem brasil*. A exploração do pau-tinta era importante nessa fase, fundamental para levantar recursos financeiros não só para pagar seu soberano, mas também financiar projetos administrativos.

O espírito aventureiro que o movia conduziu-o para praias mais ao sul, onde notícias dos índios confirmavam ser parada de flibusteiros estrangeiros. Foi numa destas jornadas pela arrebentação que divisou uma linha de arrecifes. Dali observou que havia uma elevação proeminente na costa. Como os detalhes do local aproximavam da descrição obtida dos silvícolas, praticamente teve certeza de tratar-se do sítio visitado pelos franceses de quem ouvira comentar. De fato aquele local tão aprazível era o mesmo que os nativos chamavam de Marim (Rio dos Franceses).

Duarte Coelho e seus companheiros de expedição atravessaram a estreita entrada da barra passando pela linha de arrecifes de arenito amarelado, gastos pelo mar. No interior da barra encontraram um ancoradouro natural. Atravessaram um istmo, que mais tarde abrigaria o

núcleo urbano de Recife, e divisaram os rios Capibaribe e Beberibe. Finalmente fundearam no golfo, perto de onde hoje se encontra a ponte Duarte Coelho. A elevação de que lhe haviam falado despontava no horizonte. Era um morro coberto por magnífica floresta virgem, e ficou sendo o destino do Capitão-mor e de seu grupo.

No alto de elevação havia uma aldeia caeté. Surpreendida com a chegada dos portugueses, que julgavam ser seus amigos franceses, os indígenas não tiveram tempo de organizar uma defesa capaz de se antepor à fúria do assalto duartino. Os que sobreviveram fugiram para as matas adjacentes, deixando a taba sob o controle dos intrusos.

Vitoriosos, passaram, Duarte Coelho e os seus, a reconhecer a área. Ali encontraram boas nascentes de água potável, ares mais amenos e boa área de pastagem natural nas vizinhanças, tudo convidava ao assentamento de um povoado e de fazendas.

Diz a lenda que Duarte Coelho, não se contendo exclamou: - *Ó, linda posição para uma vila!* Alguns historiadores contestam, afirmando que Olinda provém de freguesias, como as vizinhas de Lisboa. Há quem diga que foi inspirado no nome de uma das belas damas da novela de cavalaria de Amédís de Gaula, muito conhecida na época.

Percebendo que e seria mais adequado estabelecer sua sede numa posição mais central da Capitania, à margem de um dos mais importantes rios da região, o Beberibe, Duarte Coelho distribuiu algumas sesmarias em Igaráçu e entregou o lugarejo aos cuidados do vianês Afonso Gonçalves um de seus honrados seguidos

res, companheiro desde os tempos das índias e feito por ele Capitão. Depois, partiu para o sul com boa parte de seus companheiros. O outeiro serviria de símbolo para a futura localidade.

Em Olinda, no verão de 1536, o chefe novolusitano erigiu um atalaia quadrado no lado esquerdo do morro e, no topo deste, uma torre de pedra e cal. Esse castelo, semelhante aos de sua terra natal, serviria para dar abrigo à sua família e aos seus companheiros. Era o marco de fundação da capital duartina.

Para que pudesse sobreviver e prosperar, Duarte Coelho sabia que teria que ter um bom relacionamento com os nativos habitantes das zonas vizinhas às suas comunidades. Para tanto contribuiria sobremaneira seu cunhado, Jerônimo que, depois de se acasalar com a filha de um cacique local, fez com que os tabajaras se tornassem a primeira nação indígena efetivamente aliada dos portugueses. Essa aliança propiciou a paz necessária para o cultivo da terra e a expansão da cultura na região de Olinda.

Embora existissem entraves à permanência de Duarte Coelho e seus companheiros⁸, os pioneiros iam, aos poucos, se assenhorando dos segredos daquele chão. Olinda foi crescendo e tomando vida própria. Como não ficava à beira do mar, um porto foi construído no final do istmo que delimitava a foz dos rios Capibaribe e Beberibe, perto da linha de arrecifes. Ali surgiria um povoado que mais tarde daria origem a Recife, hoje a capital pernambucana.

Outro sinal do avanço da colonização duartina foi o crescente número de crianças que nasciam na capitania, dentre elas os herdeiros do donatário. O primogênito, Duarte Coelho de Albuquerque, veio ao mundo no segundo semestre de 1537; seu Irmão Jorge, em abril de 1539 e, por fim, Inês de Albuquerque, anos depois.

O progresso da capital duartina também alegrou Lisboa, que, a 12 de março de 1537, lhe concedeu o cobiçado Alvará Régio, elevando-a à categoria de vila. No mesmo período fundou-se Paratibe, um lugarejo interiorano no caminho entre Olinda e Igarauçu. O quinto ponto a ser povoado pelo donatário foi a região do Rio São Francisco, limite Sul da capitania. Todos os cinco povoados seriam representados em seu braço, sob a forma de castelos no escudo central.

O donatário pernambucano partiu, então, para a execução da terceira fase de seu plano colonizador: consolidar seus domínios. Distribuiu sesmarias nas redondezas de seus povoados, cuidando de anotar tudo no seu livro de assentamentos e informar, em carta, ao seu soberano.

Feito isto, percebeu que poderia adiantar-se e dar mais um passo à frente em seu projeto. Vivia-se um momento de certa calma, fruto de ter afastado os gentios hostis e os flibusteiros francos do litoral. Duarte Coelho achou ser oportuno deixar a lavoura de subsistência a instalar uma bem estruturada cultura comercial na Nova Lusitânia. Para tal, embarcou para a Metrópole, em busca de uma audiência com Dom João III e dele

⁸ A ferocidade de alguns autóctones, a exploração dos franceses, a falta de recursos de toda sorte e os problemas inerentes à colonização de uma terra desconhecida.

obter incentivos para dar andamento a seu projeto.

Ele explicou ao rei luso, que até então, tinha pago do seu bolso todas as despesas da implantação da Capitania da Nova Lusitânia e não tinha recursos próprios para bancar sozinho o empreendimento.

Infelizmente, a Corte só estava interessada no dinheiro fácil das minas de ouro. E o obrigaram a correr continente afora, atrás de indícios da existência de ouro e prata, tão comuns na América espanhola. Outra alternativa apresentada era incrementar a exploração do pau-brasil. Duarte Coelho combatia a exploração do pau-tinta considerando-a nociva à colonização, por afetar o meio ambiente e o relacionamento com os aborígenes. Acreditava na história e na sua vivência. Sabia que somente uma cultura comercial agrícola e industrial geraria prosperidade, atraindo novos colonos para desbravar os confins tropicais, abrir novas fronteiras e incorporá-las ao *impávido colosso* que surgia.

Mesmo não logrando o apoio real, não desanimou. Procurou comerciantes conterrâneos e, com o apoio financeiro da burguesia portuguesa, retornou a Olinda com alguns mestres-de-engenho dos Açores, Madeira e de Cabo Verde, importantes regiões produtoras do *ouro doce*.

Duarte Coelho implantou, assim, a indústria açucareira na sua donataria e, enquanto outras capitanias hereditárias

faliam, Pernambuco progredia a olhos vistos. Aproveitando-se de um canal existente na antiga feitoria real, fez distribuir mudas a que concedera sesmarias.

Como não existiam recursos para cada um deles construir uma moenda, em 1540 montou um engenho que passou a absorver a produção das fazendas vizinhas a Olinda. Logo o mesmo aconteceria em Igarapé e, dez anos depois, já eram cinco engenhos fabricando o *ouro doce*, o novo carro chefe da capitania pernambucana.

A maneira democrática com que atendia aos anseios do povo e às de-

terminações do senado da Câmara, a forma cidadã como agia e o apoio político que deu aos religiosos, em sua missão catequizadora em Pernambuco, são exemplos de um homem além do seu tempo. Duarte Coelho era referencial para toda obra religiosa, como salientou o padre Manuel da Nóbrega. Além de tudo, agia como o cidadão politicamente correto dos nossos dias, pois foi o primeiro governante a se preocupar com a ecologia, ao defender a não exploração do pau-brasil, por provocar a devastação desnecessária da vegetação nativa, e nada contribuir para o engrandecimento da colônia.

No campo urbano, há uma importante passagem que bem denota inusitada preocupação. Certa feita, depois de muito observar o aumento de doenças e a sujeira na vila, enviou ao senado da

A maneira democrática com que atendia aos anseios do povo e às determinações do senado da Câmara, a forma cidadã como agia e o apoio político que deu aos religiosos, em sua missão catequizadora em Pernambuco, são exemplos de um homem além do seu tempo. Duarte Coelho era referencial para toda obra religiosa, como salientou o padre Manuel da Nóbrega.

Câmara de Olinda uma proposta para que os detritos não fossem jogados nos rios que abasteciam a comunidade, nem fossem destruídos os bosques que preservavam os mananciais de água. Ele sabia que atitudes como essas além de manter a cidade limpa e o abastecimento de água, fazia com que a população vivesse sob o império da higiene, reduzindo drasticamente o número de internações, e mesmo, de óbitos.

Outro ponto interessante da sua administração foi a capacidade de ouvir assessores. Exemplo disso foi o da criação da Casa de Misericórdia, uma espécie de hospital, obra idealizada por sua esposa o que foi primordial para a cura de moribundos e feridos. Outro foi o da construção de estaleiros, em Igarauçu e em Recife, onde se faziam inicialmente, reparos em naus que atravessavam o Atlântico. Posteriormente, pequenas embarcações ali passaram a ser construídas.

Quando o trono resolveu instalar um governo-geral na Bahia centralizando suas ações no Brasil, Duarte Coelho não se curvou às novas leis as quais iam de encontro ao foral por ele assinado décadas atrás. Esse espírito independente fez com que seus companheiros, e, posteriormente, as demais gerações de pernambucanos se transformassem nos mais rebeldes brasileiros, colecionando a mais longa folha de revoltas e movimentos libertatórios de toda a história nacional.

Mas nem só de boas notícias vivia a Capitania. Por muito pouco as adversidades não deram cabo das realizações do seu donatário.

Os primeiros obstáculos que Duarte Coelho enfrentou ao chegar no Novo Mundo foram, como os demais donatários, a distância da Europa, o clima e as peculiaridades da terra tropical. Depois vieram as atitudes hostis dos indígenas, em especial dos tupinambás. Mas as adversidades não terminaram por aí.

Temendo que os engenhos e, canaviais fortalecessem a presença lusa, contrabandistas francesas incitaram revoltas indígenas. Estas inicialmente vitimaram as fazendas dos renóis. Depois, sitiaram suas povoações. Os cinco engenhos instalados foram incendiados, precedendo um longo cerco sobre Igarauçu e Olinda, ocorridos de fins de 1546 a 1548. Somente a coragem dos defensores e a participação de todo, inclusive das mulheres, fez o fiel da balança pender para o lado dos quartinos.⁹

Foram muitos os combates em que os colonos se viram envolvidos. Em um deles, o próprio Capitão-mor pernambucano foi ferido na perna, fato que o deixou manco para o resto da vida.

Mas haveria outros obstáculos. Para compensar a falta de mão-de-obra, o donatário aceitou receber algumas levas de degredados. Não tardou a perceber o erro de sua decisão, pois cedo criariam problemas. A malta não queria trabalhar com os colonos, só pensava em se aproveitar dos indígenas nativos, fugia das obrigações e da severidade do donatário, obrigando-o a rigorosas medidas, a fim de evitar o desprestígio do colonizador. Duarte Coelho, junto com outros destacados lusos no Brasil, dentre os quais o Padre Manuel da Nóbrega, imploraram ao

⁹ Tais conflitos fazem parte dos primórdios da História Militar Brasileira

Trono para que não os enviasse mais, pois *estavam destruindo o serviço de Deus e dos fiéis servidores de Portugal*, no que foram atendidos. Os que aqui permaneceram ou acataram a lei duartina, ou foram expulsos da capitania.

Outro problema enfrentado foi com seus vizinhos setentrionais. Ao contrário da de Pernambuco, a Capitania Hereditária de Itamaracá não foi colonizada por Duarte Coelho, mas sim por seu lugar tenente, Francisco Braga. Este, porém, não conseguiu manter a ordem na região, com graves repercussões na Nova Lusitânia. Logo Itamaracá se tornou zona de homizão de bandidos, inclusive de foragidos de Pernambuco. Nem uma marca colocada no rosto do dirigente itamaracaense, por ordem do donatário pernambucano, amenizou a situação, como bem o descreve em cartas ao rei luso.

Foi também de Itamaracá que partiram alguns traficantes de escravos que, se fazendo passar por exploradores, conseguiram permissão de Duarte Coelho Coelho para navegar pelo litoral pernambucano. Ao saber que a sua verdadeira intenção era atacar aldeias indígenas a fim de fazer cativos os autóctones, Duarte revistou, capturou-os e, por fim, aplicou-lhes sua justiça. Quanto aos silvícolas cativos, libertou-os e os enviou de volta às suas antigas áreas de morada.

Essas adversidades contudo, não foram suficientes para alimentar desânimos. Mesmo tendo seus engenhos destruídos nos embates, os duartinos foram motivados por seu donatário a reativá-los, redinamizando a capitania. Logo o vigor com que esta voltava a crescer estimulava a vinda de novos e mais ricos colonos,

todos prontos a transformar Pernambuco em seu lar.

Seu sucesso foi tão grande que a capitania ficou fora da excessiva centralização imposta pelo Governo-Geral. Ao contrário Pernambuco passou a ser a base portuguesa para a expulsão dos franceses das demais capitanias setentrionais. Seus filhos constituiriam as tropas que ocupariam a Paraíba, o Rio Grande do Norte, o Ceará e o Maranhão, num processo de conquistas iniciado ainda nos tempos de Duarte Coelho o que só terminaria na centúria seguinte.

Contudo, nem todo o progresso da agricultura e seus benefícios, bem como sua vitória frente às adversidades foram capazes de mudar o pensamento dos palacianos de Lisboa. Em uma segunda viagem a Portugal, em 1553, com vistas a obter novos empréstimos e motivar seu rei para a agricultura, além de levar seus filhos para estudarem no Reino, Duarte Coelho foi muito mal-recebido pelo suserano e por sua corte, ainda interessados em ouro e no monopólio do pau-brasil.

Doente e cansado pela estafante viagem o coração daquele que, desde a mais tenra idade sempre fora fiel a seu país o deu tudo de si a todas as causas que abraçou, não resistiu. No dia 7 de agosto, faleceu.

SEU LEGADO

A morte de Duarte Coelho não significou o fim de seu sonho. Suas idéias e ideais não morreriam consigo, sendo transmitidos por gerações. Brites e Jerônimo de Albuquerque consolidariam e tornariam real seu projeto colonizador, transformando Pernambuco numa região cobiça-

da. Quase um século depois, em Matias de Albuquerque, seu neto, o Nordeste brasileiro encontraria o seu grande defensor contra o usurpador holandês.

Duarte Coelho Pereira foi um exemplo de *construtor de nações*, quem melhor suportou as agruras, os perigos e as privações da terra tropical. Suas metas eram as de um verdadeiro estadista: implantar firmemente, nos domínios de sua donataria, uma sociedade progressista o laboriosa, base da dinastia mais próspera do Brasil quinhentista e seiscentista.

Ele cuidou da imigração de gente a que os historiadoras chamam de *nobre e limpa*, famílias e padres que influenciaram positivamente na formação de uma sociedade trabalhadora, lutadora e, também, intelectualizada.

A literatura brasileira tem origem na *Prosopopéia*, um poemeto de Bento Teixeira que faz alusão à conquista de Pernambuco e ao seu fundador, dentre outros heróis, e nas seções do Colégio dos Jesuítas, onde se assinala o ciclo literário colonial do século XVI, incluindo o funcionamento de cursos nos conventos. Mais tarde, o Seminário de Olinda seria considerado o núcleo de preparação de independência do Brasil.

Levas e levadas de imigrantes espontaneamente aportariam na Nova Lusitânia, como Duarte Coelho sempre desejou. Eles vinham com um bom cabedal de conhecimento e com a vontade de transformar

aquela chão em sua terra – bem diferente dos degredados de outrora – que trouxeram o progresso lastreado no conhecimento e outros fatores úteis no desenvolvimento colonial.

Das terras duartinas saíam não só os pioneiros da agroindústria açucareira, que ocupariam, inicialmente, a várzea do Capibaribe, mas, também, os sertanistas que estabeleceram seus currais pelo interior. Em dois séculos, os descendentes dos dianteiros duartinos se fariam presentes em todo o agreste e o sertão nordestino. Dos núcleos geohistóricos partiriam os contingentes que conquistariam novas regiões e expulsariam franceses, holandeses e ingleses, do Nordeste e do Norte do País.

No campo psicossocial foi, talvez, onde o legado de Duarte Coelho se mostrou mais visível. A sociedade que ele moldou cresceria e prosperaria de tal forma que serviria de modelo a toda a sociedade colonial no Brasil. A miscigenação que ele tanto incentivou, com suporte do seu melhor amigo, Jerônimo de Albuquerque, foi significativa para a formação da nacionalidade brasileira. Das características próprias das três principais raças, o índio, o branco e o negro, surgiria outra a brasileira, cujo caráter lhe confere identidade histórico-cultural própria.

Hoje, migrações internas levam aos mais distantes rincões nacionais o mesmo espírito que um dia vestiu a roupagem duartina e semeou o progresso no Brasil.¹⁰

¹⁰ Aos contemporâneos que acordam nas frias manhãs no cerrado, na Amazônia ou Sertão Nordestino, a eles dedico minha admiração, pois são exemplos vivos de que, quase cinco séculos depois, o espírito de Duarte Coelho Pereira ainda está vivo, fazendo da vocação nacional da agroindústria que ele implantou, o principal pilar deste País rumo ao destino histórico que ele profetizou: o de ser, além de uma potência mundial, uma terra de justiça, paz, ordem e progresso, palavras pelas quais viveu, trabalhou, morreu e logrou conscientizar seus sucessores para prosseguirem trilhando esse caminho. (N.A.)

Na área política, a luta pela justiça e obediência à lei, a defesa do espaço conquistado e incorporado, e a busca por autonomia baseada no êxito de sua gestão político-administrativa servem de suporte para o anais jurídicos e políticos nacionais. A luta que empreendeu pela autonomia de sua jurisdição foi incorporada por todo o seu povo.

Duarte Coelho apesar de não termos atentado para a fato, foi o primeiro empresário de renome e um dos pioneiros da indústria, não só no Brasil, mas também na América, e um dos seus primeiros ecologistas. No primeiro século de presença européia na América, somente no Brasil existia um bom projeto industrial em desenvolvimento beneficiando a terra, uma verdadeira agro-indústria.

Ele modificou as concepções da época, mostrando ser possível colonizar, viver e prosperar com o trabalho rural. Décadas depois, os ingleses das treze colônias formadoras dos Estados Unidos da América se baseariam nesse princípio para forjarem a única maior potência dos nossos dias.

No campo econômico, com grande repercussão social Duarte Coelho foi sábio o bastante para tornar os colonos sócios seus na empreitada de ocupação da capitania. Em 1537, distribuiu terras aos

pioneiros. Inicialmente, lavrando a terra e plantando para sua subsistência, as propriedades distribuídas logo se tomariam sede dos engenhos e fornecedoras de cana-de-açúcar para as moendas contratadas pelo donatário a partir de 1541.¹¹

Mesmo depois da descoberta do ouro em Minas Gerais, no século XVIII, os valores da produção açucareira no Brasil comercializada seriam superiores ao valor dos metais e pedras-preciosas daqui extraídos. Na verdade, a cana-de-açúcar foi o produto que mais dividendos deu ao Brasil no período colonial e no Império.

Os feitos do Capitão-mor novolusitano transcendem os campos econômico, político e social para se projetar no militar. As gerações que viriam depois da sua manteriam o mesmo ideal de conquista, expansão, consolidação, defesa e progresso.

Militar de carreira, oficial da Marinha portuguesa, o donatário de Pernambuco nunca se esqueceu da aprendizagem e da conduta diante das adversidades como chave para seu êxito na gestão administrativa de sua capitania.

Talvez tenha sido a reputação adquirida no Oriente, ou a coragem pessoal, o acurado senso prático, ou mesmo a inigualável facilidade diplomática, aliada ao exemplar comportamento e liderança,

*Ele modificou as
concepções da época,
mostrando ser possível
colonizar, viver e
prosperar com o trabalho
rural. Décadas depois,
os ingleses das treze
colônias formadoras dos
Estados Unidos da América
se baseariam nesse
princípio para forjarem a
única maior potência
dos nossos dias.*

¹¹ Em carta datada de 1542 e remetida ao rei luso, Duarte Coelho informa a existência de grandes canaviais e a conclusão de seu primeiro engenho, o Salvador, à margem direita do Rio Beberibe, além do Nossa Senhora da Ajuda, de propriedade de seu cunhado. Logo os engenhos se proliferariam pelas férteis planícies de várzea do Capibaribe. (N. A.)

sempre à frente de seus companheiros nas atividades cotidianas de desbravamento na América, que concorreram para seu sucesso como governante e como soldado na ocupação, defesa e desenvolvimento da sua donataria. Independente de qual de suas inúmeras virtudes tenha prevalecido, o Exército Brasileiro o homenageou, em 1991, ao conceder ao 71º Batalhão de Infantaria Motorizado, de Garanhuns, Pernambuco, a denominação histórica de *Batalhão Duarte Coelho*.

O sentimento que ele despertou na sua comunidade transformou-a numa coletividade altamente empreendedora. Seu valor e sua auto-estima tornaram-na uma das mais aguerridas do País, a que mais lutou em prol de sua liberdade. O símbolo em seu brasão d'armas, o leão, bem o sintetizaria como senhor do seu destino.

Duarte Coelho Pereira foi o primeiro governante, no Brasil, a irmanar a diplomacia e a força militar. Sua aliança com o nativo foi um dos passos mais importante para a concretização de sua obra colonizadora. A diplomacia com que soube angariar a confiança dos índios, a energia com que manteve a ordem na sua capitania; a presteza com que fez frente ao intruso, o pragmatismo com o qual selecionou seus companheiros, o respeito que soube angariar de todos, a coragem com a qual defendeu suas possessões e a sabedoria com a qual preparou seus sucessores fariam-no o primeiro estadista do Brasil.

Ainda no campo militar, um dos grandes ensinamentos que Duarte Coelho deixou foi que as guerras, apesar de regidas por princípios cartesianos, não é matemática. Não é o somatório de efetivos, po-

der de fogo e outros aspectos que as decidem, mas sim, a química dos valores morais, materiais e pessoais devidamente potencializados por seus respectivos pesos específicos. Assim, o moral, a coragem, a determinação, a astúcia, o arrojo, a perspicácia, a liderança, a abnegação, entre outras virtudes, compensaram a falta de pessoal ou de material nos inúmeros combates de que participou.

Hoje, a figura de Duarte Coelho é um modelo de como um civil deve comandar um povo na guerra e na paz em prol de um ideal superior. Seus ensinamentos servem de exemplo constante para aqueles que buscam, no passado, as fórmulas para um futuro seguro e melhor.

A presteza e a energia que canalizou contra os franceses ou portugueses, bem como contra os degredados que agiam de modo a por em risco a ordem e a harmonia na capitania foram fundamentais para, ao mesmo tempo, expulsar de vez os gálicos e restabelecer a paz no seio de sua comunidade.

Convém lembrar, que foi nos tempos duartinos que foram lançadas as sementes para a conquista do litoral brasileiro, com a expulsão dos seus malfeitores, e que teve em Olinda seu primeiro passo. O jugo dos nativos e seu emprego como tropa aliada foi fundamental para a sobrevivência da capitania, tanto na paz, como na guerra. Mais tarde, seus sucessores, em expansão pelo litoral nordestino, iriam experimentar pela primeira vez a guerra brasileira, cujo conhecimento e aprimoramento seriam base para uma doutrina militar genuinamente brasileira. O emprego eficiente do soldado-colono na defesa de Pernambuco e, depois, no desbrava-

mento dos sertões, vale um estudo mais acurado do valor do civil como militar. O emprego de operações anfíbias para levantamento de cercos, no transporte de tropas e de suprimentos e na repulsão de piratas servem para enriquecer a Doutrina Naval brasileira.

Conclui-se então, parcialmente, que o primeiro Capitão-mor pernambucano acabou por adotar um princípio que mais tarde se eternizaria, sendo até hoje um dos adotados pelo Exército Brasileiro: *Conquistar o que é nosso por direito e preservar o que é nosso por dever.*

Um aspecto que deve ser uma vez mais ressaltado é que este ensaio descortina a vida e a obra daquele que se tornou o primeiro homem a agir como estadista no Brasil.

Seu pulso forte possibilitou grandes conquistas em todos os campos. Ele combateu a criminalidade dos degredados, o contrabando do pau-brasil, os índios hostis e os flibusteiros franceses com tanta energia e eficácia que, apesar do pequeno

efetivo, manteve a ordem necessária para desenvolver seu plano empreendedor.

Sob sua orientação, o desenvolvimento encontrou morada nas terras novolusitanas. Não conhecendo trégua, nem descanso, não mediu esforços, nem despesas, para trazer capitais e pessoal especializado, a fim de otimizar as atividades na donataria. Até pequenos estaleiros construiu, beneficiando a navegação de cabotagem.

Sua forma simples e eminentemente prática de administração prosseguiu ditando a vida de Pernambuco por quase um século, tendo em seus sucessores, em especial sua esposa e o seu cunhado e amigo, os maiores continuadores de sua obra, durante cujo governo Pernambuco alcançou renome mundial.

Esses e outros aspectos demonstram que não foi só na América do Norte que existiram colonos que vieram para o Novo Mundo a fim de aqui se fixar, implantando a justiça e prosperando, fruto de seu próprio esforço. ☉

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- ARNOLD, Guy. *Datas Históricas do Mundo*. Editora Verbo. Lisboa, Portugal, 1985.
- CAMINHA, João Carlos, Vice-Almirante. *História Marítima*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1980.
- ABREU, José Capistrano de. *Capítulos da História Colonial*. Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 2000.
- CASTRO, Therezinha de. *Nossa América: Geopolítica Comparada*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1994
- CASTRO, Therezinha de. *História Documental do Brasil*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1995.
- CASTRO, Therezinha de. *Retratos do Brasil : Atlas-texto de Geopolítica*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1986.
- CASTRO DE CASTRO, Tiago, Coronel. *Espaços Geográficos*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1994.
- COTRIM, Gilberto. *História da Consciência Brasileira*. Editora Saraiva. São Paulo, SP, Brasil, 1994.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e Culturas no Brasil*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1980
- DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras*. IBASA. São Paulo, SP, Brasil, 1996.
- ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. *Fundamentos da Doutrina*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1981.
- ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. *História do Exército Brasileiro - Vol 1*. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 1972.

- ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. *Manual de Campanha (Básico) C 20 -10 Princípio de Chefia*. Rio de Janeiro, Distrito Federal, Brasil, 1953.
- ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. *Manual de Campanha (Básico) C20-320 Glossário de Termos e Expressões para uso do Exército*. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 1977.
- FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil*. Editora Ática. São Paulo, SP, Brasil, 1984.
- FONSECA, Célia Freire A. *A Economia Européia e a Colonização do Brasil a Experiência de Duarte Coelho*. Conselho Federal de Cultura. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1978.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, Distrito Federal, Brasil, 1933.
- GUEDES, Max Justo, Almirante. *O Descobrimento do Brasil*. Clube do Colecionador dos Correios. Lisboa, Portugal, 2000.
- GONÇALVES DE MELLO, José Antônio, e ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. *Cartas de Duarte Coelho a El-Rei*. Universidade do Recife. Recife, Pernambuco, Brasil, 1967.
- GONÇALVES DE MELLO, José Antônio. *Fontes para a História do Brasil Holandês - 1. A economia açucareira*. Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Recife, Pernambuco, Brasil, 1981.
- GUERRA, Flávio. *História de Pernambuco*. Editora Massangana. Recife, Pernambuco, Brasil, 1992.
- LIDDELL HART, Basil Henry, Sir. *As Grandes Guerras da História*. IBRASA. São Paulo, SP, Brasil, 1982.
- LIMA, Oliveira. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Litografia Nacional. Porto, Portugal, 1923.
- MAGALHÃES, João Baptista, Coronel. *A Evolução Militar do Brasil*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1998.
- MALHEIROS DIAS, Carlos. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Litografia Nacional. Porto, Portugal, 1921.
- MANNRICH, Nelson. *CLT, Legislação Previdenciária e Constituição Federal*. Editora Revista dos Tribunais. São Paulo, SP, Brasil, 2000.
- MEIRA MATTOS, Carlos de, General de Divisão. *Estratégias Militares Dominantes*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1986.
- SALVADOR, Vicente do, Frei. *História do Brasil 1500-1627*. Editora Itatiaia. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 1982.
- SIMONSEM, Roberto Cochrane. *História Econômica do Brasil (1500/1820)*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, SP, Brasil, 1978.
- PANDIÁ CALÓGERAS, João. *Formação Histórica do Brasil*. Companhia Editora Nacional São Paulo, SP, Brasil, 1972.
- PAULA CIDADE, Francisco de, General. *Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira*. BIBLIEX. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1998.
- PAZZINATO, Alceu Luiz e SENSE, Maria Helena Valente. *História Moderna e Contemporânea*. Editora Ática. São Paulo, SP, Brasil, 1997.
- PORTO, Costa. *Duarte Coelho*. Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil, 1961.
- PORTO, Costa. *Nos Tempos de Duarte Coelho*. Secretaria da Educação e Cultura do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 1978.
- QUADROS, Jânio. *História do Povo Brasileiro*. Editores Culturais. São Paulo, SP, Brasil, 1968.
- RIO BRANCO, Barão do. *Efêmerides Brasileiras*. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, Distrito Federal Federal, Brasil, 1946.
- SILVA, Joaquim e PENHA, João Batista Damasco. *História Geral: para ensino do 1º Grau*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, SP, Brasil, 1974.
- SOUTO MAIOR, Armando. *História Geral: para ensino do 2º Grau* Companhia Editora Nacional São Paulo, SP, Brasil, 1977.

SOUTO MAIOR, Armando. *História Geral: para ensino do 2º Grau e Vestibulares*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, SP, Brasil 1978.

SOUTO MAIOR, Pedro. *Fatos Pernambucanos*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB). Vol 75. Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil, 1912.

VARNHARGEN, Francisco Adolfo da. *História Geral do Brasil*. Editora Melhoramentos. São Paulo, SP, Brasil, 1956.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. Editora Melhoramentos. São Paulo, SP, Brasil, 1965.

VIANNA, Hélio. *Matias de Albuquerque*. Editora Universitária. Rio de Janeiro, Distrito Federal, Brasil, 1944.

ENCICLOPÉDIAS

ENCICLOPÉDIA BARSA. Encyclopaedia Britannica Editores Ltda. Rio de Janeiro, Guanabara Brasil, 1985.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO. Editora Mérito S. A. São Paulo, SP, Brasil, 1980.

ENCICLOPÉDIA DIDÁTICA DE INFORMAÇÃO E PESQUISA EDUCACIONAL. Livraria Editorial Tracema Ltda. São Paulo, SP, Brasil, 1990.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, Distrito Federal, 1958.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. São Paulo, SP, Brasil, 1980.

GEOGRAFIA UNIVERSAL. Editora Universitária. Madri, Espanha, 1968.

GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Editora Delta S. A.. Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil, 1971.

GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA. *Jerônimo de Albuquerque*. Editora Nova Cultural. São Paulo, SP, Brasil, 1969.

PUBLICAÇÕES

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. *Levantamento Geográfico de Área - Momento*. Resende, Rio de Janeiro, Brasil, 1985.

ATLAS HISTÓRICO ESCOLAR. FENAME. Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil, 1968.

DIVERSOS. *HISTORAMA*. Editora Codex Ltda. Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil, 1972.

DIVERSOS. *HISTÓRIA DO BRASIL* Editora Bloch. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1985.

FOLHA DE SÃO PAULO - THE TIMES. *Atlas da História do Mundo*. Empresa Folha da Manhã Ltda. São Paulo, SP, Brasil, 1995.

GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA. *Nassau*. Editora Nova Cultural. São Paulo, SP, Brasil, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Vol XVIII - Pernambuco*. IBGE. Rio de Janeiro, Guanabara. Brasil, 1958.

ISTO É - GUINNESS. *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais*. Editora Três. São Paulo, SP, Brasil, 1995

PUBLIFOLHA. *História do Brasil*. Empresa Folha da Manhã e Zero Hora/RBS Jornal. São Paulo, SP, Brasil, 1997.

SAGA, A GRANDE HISTÓRIA DO BRASIL. Abril Cultural. São Paulo, SP, Brasil, 1981.

TESOUROS DA JUVENTUDE. W. M. Jackson, Inc. Editores. Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil, 1973.

DICIONÁRIOS

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. Editora Globo. São Paulo, SP, Brasil, 1996.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Companhia Melhoramentos. São Paulo, SP, Brasil, 1998.